

LICÃO 7 – MIQUEIAS – A IMPORTÂNCIA DA OBEDIÊNCIA

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto da leitura bíblica em classe:

MIQUEIAS 1

1 Palavra do SENHOR que veio a Miqueias, morastita, nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, a qual ele viu sobre Samaria e Jerusalém.

- O profeta Miqueias era originário da pequena cidade de Moresete-Gate (Mq. 1.14), também chamada de Maressa (Mq. 1.15; Js. 15.44), no sul de Judá, área agrícola a cerca de 40 km ao sudoeste de Jerusalém, entre Judá e a Filístia. Embora fosse um profeta de Judá, seu livro também trata de Samaria (reino do Norte) e das nações gentias.

- O nome Miqueias, ou Mica, significa “que é como Jeová”. A Bíblia refere-se a sete pessoas com esse nome: 1) um efraimita (Jz. 17.1-13; 18.2-27); 2) o cabeça de uma família rubenita (1Cr. 5.5); 3) o filho de Mefibosete (1Cr. 8. 34-35; 9.40-41; 2Sm. 9.12); 4) um levita (1Cr. 9.15); 5) outro levita (1Cr. 23.20; 24.24-25); 6) o pai de Abdom (2Cr. 34.20); 7) o profeta de que aqui cuidamos.

- À semelhança de Amós, era homem do campo e provinha de família humilde. Se Isaías, seu contemporâneo em Jerusalém, assistia ao rei e observava o cenário internacional, Miqueias, um profeta do campo, condenava os governantes corruptos, os falsos profetas, os sacerdotes ímpios, os mercadores desonestos e os juízes venais, que havia em Judá.

- Mas é de se notar que a mensagem de Miqueias era essencialmente a mesma dos demais profetas, num consenso que nos permite crer nela sem qualquer dúvida ou hesitação. Embora de cidades diferentes, de origens diferentes, os profetas anunciavam a mesma mensagem. Nem podia ser diferente, pois a Palavra é o próprio Cristo (Jo. 1.1; Ap. 19.13), e Ele é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb. 13.8). Portanto, a mensagem do Evangelho jamais pode mudar, é sempre a mesma. Por isso Paulo insistia em repetir sempre as mesmas coisas (Fp. 3.1). Por isso também não cabe vivermos atrás de inovações ou novidades, como muitos fazem e como faziam os atenienses (At. 17.21).

- Miqueias pregava contra a injustiça, a opressão aos camponeses e aldeões, a cobiça, a avareza, a imoralidade e a idolatria. E advertiu sobre as severas consequências de o povo e os líderes persistirem em seus maus caminhos. Predisse a queda de Israel e de sua capital, Samaria (Mq. 1.6-7), bem como a de Judá, e de sua capital, Jerusalém (Mq. 1.9-16; 3. 9-12).

- O ministério de Miqueias foi exercido durante os reinados de três reis de Judá: Jotão (751-736 a.C.), Acaz (736-716 a.C.) e Ezequias (715-687 a.C.). Algumas de suas profecias foram proferidas no tempo de Ezequias (cf. Jr. 26.18), porém a maioria delas reflete a condição de Judá durante os reinados de Jotão e Acaz, antes das reformas promovidas por Ezequias. Não há dúvida de que o seu ministério, juntamente com o de Isaías, ajudou a promover o avivamento e as reformas dirigidas pelo justo rei Ezequias.

- O livro de Miqueias, escrito indubitavelmente pelo próprio profeta, foi escrito na Palestina entre 772 e 722 a.C. Mais precisamente: os dois primeiros capítulos foram escritos por volta de 744 a.C., no reinado de Jotão, no início do ministério de Isaías; o terceiro capítulo é datado de 725 a.C., já no reinado de Ezequias, na iminência do fim do reino de Israel (reino do Norte); o restante do livro é datado de cerca de 704 a.C., logo após o nascimento de Manasses, nos últimos doze anos do reinado de Ezequias.

- Miqueias escreveu a fim de advertir a sua nação a respeito da certeza do juízo divino, para especificar os pecados que provocavam a ira de Deus e para resumir a palavra profética dirigida a Samaria e a Jerusalém. Predisse, com exatidão, a queda de Israel. Profetizou que destruição semelhante seria sofrida por Judá e Jerusalém em consequência de seus pecados e flagrante rebeldia. Miqueias profetiza no Sul com a mesma intensidade de Oseias e de Amós no reino do Norte.

- Deus havia advertido Israel (ambos os reinos) muitas vezes acerca do que lhes aconteceriam se continuassem em pecado e rebelião; mas eles estavam ficando rebeldes e inclinados a desviar-se no coração e na vida de um modo cada vez mais visível. Deus estava menos tolerante em relação à adoração dissimulada, ao ritualismo e aos pecados do povo. E, julgando necessário invocar os termos do juízo da aliança mosaica, teve de formular um plano de ação que, por fim, iria trazê-los de volta ao arrependimento, para que Ele pudesse cumprir as alianças eternas e, não obstante, fazê-lo com base no cumprimento da justiça.

- Este livro, portanto, preserva a grave mensagem de Miqueias às últimas gerações de Judá antes de os babilônios invadirem a nação. Além disso, faz uma contribuição importante à revelação total do Messias vindouro.

- A mensagem de Deus ao homem se mostra de forma bastante objetiva no livro de Miqueias: Deus, em virtude de Sua justiça e santidade, tem de lançar juízo sobre todos os que Lhe desobedecem, mas, antes que o faça, o Senhor mostra que há uma forma de o homem voltar a ter comunhão com Deus e, assim, em vez de sofrer o juízo, gozar das bênçãos que o Senhor quer e promete dar aos que O buscarem de coração inteiro. A obediência é o segredo para alcançarmos as promessas de Deus.

- O livro de Miqueias consiste numa mensagem de três partes: 1) recrimina Israel (Samaria) e Judá (Jerusalém) pelos seus pecados específicos que incluem a idolatria, o orgulho, a opressão aos pobres, os subornos entre os líderes, a cobiça e a avareza, a imoralidade e a religião vazia e hipócrita; 2) adverte que o castigo divino está para vir em decorrência de tais pecados; 3) promete que a verdadeira paz, retidão e justiça prevalecerão quando o Messias estiver reinando. Igual atenção é dedicada aos três temas do livro. Cada uma dessas três partes está iniciada pelo imperativo “Ouvi” (Mq. 1.2; 3.1; 6.1).

- Visto por outro prisma, os capítulos 1 a 3 registram a denúncia que o Senhor faz dos pecados de Israel e de Judá, e de seus respectivos líderes, e a iminente ruína destas nações e suas respectivas capitais. Tratam, portanto, do “caso” (juridicamente falando) de Deus contra Israel, com predições sobre juízo e cativeiro, e uma promessa de abençoar o remanescente. Os capítulos 4 e 5 oferecem esperança e consolo ao remanescente no tocante aos dias futuros, em que a Casa de Deus será estabelecida em paz e retidão, e a idolatria e a opressão serão expurgadas da terra. Tratam, sobretudo, do Milênio, com uma referência ao cativeiro na Babilônia e ao primeiro advento do Messias (Mq. 4.9-10; 5.1-2), seguida de referências nas quais Deus tem de entregar Israel à dispersão entre as nações até o segundo advento do Messias (Mq. 5.3), e sua guerra contra o Anticristo no momento em que Ele vier para restaurar Israel (Mq. 5.4-15). Os capítulos

6 e 7 descrevem, novamente, a queixa de Deus contra seu povo, como se fora uma cena de tribunal. Deus apresenta a sua causa contra Israel. Em seguida, Israel confessa a sua culpa, e logo há uma oração e promessa em favor dos filhos de Abraão. Miqueias encerra o livro com um jogo de palavras baseado no significado do seu próprio nome: “Quem, ó Deus, é semelhante a ti?” (Mq. 7.18). Resposta: somente Ele é misericordioso e pode dar o veredito final: “Perdoado” (Mq. 7.18-20).

- O livro de Miqueias é um dentre os muitos que expressam o principal objetivo de Deus em todo o seu proceder: trazer Israel e toda a humanidade de volta ao lugar concorde com sua vontade e plano eternos, para que as bênçãos que, a princípio, prometeu ao homem possam, final e completamente, se cumprir.

- Cinco aspectos básicos caracterizam o livro de Miqueias: 1) defende, à semelhança de Tiago, a causa dos camponeses humildes explorados pelos ricos arrogantes (Mq. 6.6-8; Tg. 1.27); em seguida, Miqueias pronuncia sua exortação mais grave e memorável acerca das exigências divinas a Israel: “que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq. 6.8); 2) parte da linguagem de Miqueias é austera e direta; noutras ocasiões é eloquentemente poética com o complexo uso de jogos de palavras (v.g., Mq. 1.10-15); 3) tal como o profeta Isaías (Is. 48.16; 59.21), Miqueias expressa nítida consciência de sua chamada e unção proféticas: “mas, decerto, eu sou cheio da força do Espírito do Senhor e cheio de juízo e de ânimo, para anunciar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado” (Mq. 3.8); 4) o livro traz uma das mais grandiosas expressões da Bíblia sobre a misericórdia de Deus e a sua graça perdoadora (Mq. 7.18-20); 5) o livro contém três importantes profecias citadas noutras partes da Bíblia: uma que salvou a vida de Jeremias (Mq. 3.12; cf. Jr. 26.18), outra que diz respeito ao local onde o Messias haveria de nascer (Mq. 5.2; cf. Mt. 2.5-6 – profecia esta que orientou os pastores na busca pelo Jesus recém-nascido – Mt. 2.1-11), e ainda uma outra usada pelo próprio Jesus (Mq. 7.6; cf. Mt. 10.35-36).

- Assim como outros profetas do Antigo Testamento, Miqueias olhou para além do castigo de Deus a Israel e Judá, e contemplou o Messias vindouro e seu reino justo na terra. Setecentos anos antes da encarnação de Cristo, Miqueias profetizou que Ele haveria de nascer em Belém (Mq. 5.2). Mateus (2.4-6) narra que os sacerdotes e escribas citaram este versículo como resposta à pergunta de Herodes concernente ao lugar onde o Messias nasceu.

- Miqueias revelou também que o reino messiânico seria de paz (Mq. 5.5; cf. Ef. 2.14-18) e que o Messias pastorearia o seu povo com justiça (Mq. 5.4; cf. Jo. 10.1-16; Hb. 13.20). As referências frequentes de Miqueias sobre a redenção futura revelam que o propósito e desejo permanente de Deus para o seu povo é a salvação, e não a condenação. Esta verdade é desdobrada no Novo Testamento (v.g. Jo. 3.16).

- As profecias sobre Cristo fazem o livro de Miqueias luzir com esperança e encorajamento. O livro se inicia com uma grandiosa exposição da vinda do Senhor (Mq. 1.3-5). As profecias posteriores afirmarão o aspecto pessoal de Sua chegada em tempo histórico. Mas a disposição de Deus para descer e interagir é estabelecida no princípio. A primeira profecia messiânica ocorre numa cena de pastor de ovelhas. Depois que a terra deles havia sido corrompida e destruída, um restante dos cativos seria reunido como ovelhas num curral. Então, alguém quebraria o cercado e os levaria para fora da porta, em direção à liberdade (Mq. 2.12-13). E esse alguém é seu rei e Senhor. O episódio completo harmoniza-se belamente com a proclamação de Jesus acerca da liberdade aos cativos (Lc. 4.18), enquanto, na verdade, liberta os cativos espirituais e físicos.

- O texto de Mq. 5.2 é uma das mais famosas profecias de todo o Antigo Testamento. Ela autentica a profecia bíblica como “a palavra do Senhor” (Mq. 1.1; 2.7; 4.2). A expressão “a

Palavra do Senhor” (Mq. 4.2) é um título aplicável a Cristo (Jo. 1.1; Ap. 19.13). A profecia de Mq. 5.2 é, explicitamente, messiânica e especifica seu lugar de nascimento em Belém, num tempo quando Belém era pouco conhecida. Suas palavras foram pronunciadas muitos séculos antes do acontecimento; ele não tinha nenhuma sugestão do lugar a que recorrer.

- Outra característica dessa profecia é que ela não pode se referir a qualquer líder que possa ter sua origem em Belém. Cristo é o único a quem ela pode se referir, porque ela iguala o Senhor com o Eterno. Esta profecia confirma tanto a humanidade quanto a divindade do Messias de um modo sublime, afirma a condição de pastor do Messias, Sua unção, Sua divindade e Sua humanidade, Seu domínio universal e a Sua posição como líder de um reino de paz. Na expressão da misericórdia e compaixão divinas, Ele é Aquele que subjugará a nossa iniquidade, lançando-as nas profundezas do mar, para que Deus possa perdoar os pecados e trocar o pecado pela verdade.

- Miqueias também afirmou que a palavra do Senhor veio a ele, seguindo, assim, a fórmula profética dos profetas menores, com algumas exceções (cf. Os. 1.1; Jl. 1.1; Am. 1.1-3; Jn. 1.1; Sf. 1.1; Ag. 1.1; Zc. 1.1). Vários deles falaram do peso da visão (Ob. 1; Na. 1.1; Ml. 1.1).

- A referência a Samaria e Jerusalém, neste versículo, é, na verdade, uma referência a todo o Israel, o que mais se evidencia em Mq. 1.5, abaixo comentado, já que Samaria era a capital do reino do Norte, e Jerusalém, a capital do reino do Sul (Judá).

2 Ouvi, todos os povos, presta atenção, ó terra, em tua plenitude, e seja o Senhor JEOVÁ testemunha contra vós, o Senhor, desde o templo da sua santidade.

- A mensagem de Deus é para todos os povos, não apenas para Israel. Ao contrário do que comumente se afirma, e do que pensavam os israelitas, Deus não preservou Suas bênçãos apenas para a descendência de Abraão. Estes seriam apenas o canal por meio do qual Deus se faria conhecer a toda a humanidade.

- A invocação do Senhor Jeová como testemunha contra os povos revela o alto grau de apostasia que eles haviam alcançado, tornando-se certa a sua condenação e destruição, que em breve ocorreria.

- Deus é santo e com Ele não se brinca. Ele está nos contemplando “desde o templo da Sua santidade”, ou seja, Ele olha dos céus para nós com olhos santos, buscando em nós também a mesma santidade. Só a Sua misericórdia, por meio do sangue de Cristo, pode nos livrar do Seu juízo.

3 Porque eis que o SENHOR sai do seu lugar, e descerá, e andaré sobre as alturas da terra.

- Miqueias diz que o Senhor sairia do Seu lugar, desceria e andaria sobre as alturas da Terra, por causa da prevaricação de Jacó e dos pecados de Israel, identificando que a transgressão de Israel era Samaria e os altos de Judá, Jerusalém (Mq. 1.5).

- Este versículo contraria a alegação dos deístas, de que Deus existe mas é indiferente ao que ocorre na criação. Muito ao contrário, Ele é um Deus bem presente, é misericordioso, mas, uma vez atingido o limite da Sua longanimidade, intervém para lançar o juízo sobre aqueles que Lhe desobedecem.

4 E os montes debaixo dele se derreterão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam em um abismo.

- Deus deixaria a Sua aparente inércia para lançar sobre o Seu povo os juízos que já haviam sido previstos quando da entrega da lei por intermédio de Moisés. A longanimidade estava chegando ao fim e a desobediência teria a sua devida consequência.

- Deus continua a atuar da mesma maneira e precisamos estar cientes de que, assim como Israel assumira um compromisso de obedecer a Deus na época da lei (Dt. 10.12-13), também devemos nós, que assumimos o compromisso de servir a Cristo até a morte quando descemos às águas do batismo, ser-Lhe obedientes até a morte, como o próprio Jesus o foi, deixando-nos o exemplo (Fp. 2.8).

5 Tudo isso por causa da prevaricação de Jacó e dos pecados da casa de Israel; qual é a transgressão de Jacó? Não é Samaria? E quais os altos de Judá? Não é Jerusalém?

- O povo seria castigado por causa dos seus pecados: idolatria (Mq. 1.7), imoralidade (Mq. 1.7), crime e injustiça (Mq 2.1-2). Os pecados gerais das duas casas de Israel diziam respeito a lugares e à adoração idólatras em Samaria e Jerusalém (Mq. 1.3).

- Prevaricação, ou crime, é a palavra hebraica *pasha*, que tem o significado de “transgressão” (como consta nas versões ARA e NVI), “rebelião” ou “desobediência”.

- A desobediência de Jacó (reino do Norte) era Samaria, ou seja, a própria capital, que tinha sido construída por Onri (1Rs. 16.24), um rei que fez pior do que todos os seus antecessores no reino do Norte (1Rs. 16.25) e cuja dinastia adotou a idolatria como regra de vida, notadamente os cultos a Baal e Asera. A propósito, a toda esta desobediência o próprio profeta Miqueias chamou de “estatutos de Onri e toda a obra da casa de Acabe” (Mq. 6.16). Convém notar que Acabe era filho de Onri e o sucedeu no trono do reino do Norte (1Rs. 16.28).

- Judá não estava a agir de modo diverso. Deus também saía do Seu lugar para agir com relação ao reino do Sul, pois a sua transgressão era Jerusalém, por causa dos altos de Judá. Apesar de não terem incorrido no pecado do reino do Norte, que passaram a adorar os bezerros de ouro estabelecidos por Jeroboão (1Rs. 13.26-33), os judaítas sacrificavam nos altos (1Rs. 15.14; 22.44; 2Rs. 14.4; 15.4,35), ou seja, em altares que se disseminavam no país, contrariando, assim, a lei de Moisés, que só permitia sacrifícios no templo (Dt. 12.11-14).

- Os pecados que grassavam nas capitais eram os mesmos cometidos em todas as partes de Judá e Israel, o que em breve ocasionaria a ida do reino do Norte para o cativeiro (Mq. 1.16), fato que ocorreu poucos anos depois da profecia de Miqueias.

- A obediência a Deus envolve, por primeiro, que assumamos a condição de Seus servos e, portanto, que entendamos que nada podemos fazer a não ser cumprir a vontade do Senhor. Os israelitas e judaítas estavam cultuando ao Senhor do seu modo, do seu jeito, pouco se importando com o que o Senhor havia prescrito, com o que o Senhor havia determinado. Eram, por isso, desobedientes, pois obediência é submissão completa, sujeição.

- Em nossos dias, não é diferente. Muitos querem cultuar a Deus da sua maneira, deixando de observar a forma como o Senhor determinou que fosse o relacionamento entre Ele e o homem. Como afirmou o apóstolo Paulo, nosso culto deve ser racional, um “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm. 12.1), o que mostra que Deus somente aceitará nosso culto se o mesmo

for santo, ou seja, separado do pecado, de entrega total nossa a Deus, o que importa no sacrifício do nosso ego, em nossa negação de nós mesmos. Muitos que se dizem cristãos preferem “cultos alternativos”, transformando as igrejas em locais de entretenimentos, onde fazem o que bem entendem, a exemplo dos israelitas com seus bezerros de ouro e dos judaítas com seus altos. A consequência para estes será a mesma que tiveram os homens do passado: a reprovação divina e o lançamento do juízo divino sobre eles.

MIQUEIAS 6

6 Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus altíssimo? virei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano?

- O capítulo 6 de Miqueias apresenta a contenda de Deus com o Seu povo. Contenda, aqui, é a palavra hebraica *riyb*, que tem o sentido de “demanda, ação judicial”. O Senhor como que estabelece um processo em que irá demandar contra o Seu povo.

- Deus lembra Israel de que havia os remido da escravidão do Egito, livrado-os das ações do rei de Moabe, Balaque, quando este tentou que Balaão amaldiçoasse o povo, cumprindo, assim, a promessa de fazer os israelitas entrar na Terra Prometida. Mas o Seu povo, ao contrário, não estava cumprindo a sua parte no pacto estabelecido no Sinai.

- Este versículo e o próximo apresentam seis coisas que Deus não pede quando estamos em Sua presença e somos aceitos por Ele: 1) inclinar-se diante dele; 2) apresentar-se diante dele com holocaustos; 3) trazer milhares de animais para Ele; 4) oferecer-Lhe dez mil ribeiros de azeite; 5) dar-lhe o primogênito pela transgressão; 6) dar-lhe o futo do ventre pelo pecado da alma.

7 Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros? De dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão? O fruto do meu ventre, pelo pecado da minha alma?

- Repetindo uma mensagem proferida por Isaías (Is. 1.11-14), Miqueias mostra que Israel cumpriria a sua parte na aliança firmada no Sinai se tão-somente praticasse a justiça e a beneficência e andasse humildemente com o seu Deus, sendo de todo inútil a oferta de sacrifícios e holocaustos se não fossem acompanhadas de atitudes que revelassem a obediência a Deus (Mq. 6.6-8). Jesus reafirmou esse princípio (Mt. 12.7).

- É de se notar que foi o próprio Deus quem estabeleceu os sacrifícios de animais. Poderia, portanto, causar estranheza o fato de Ele estar dizendo que não se agrada deles. Mas o que está em evidência aqui é o fato de esses sacrifícios não virem acompanhado de obediência, transformando-se, assim, em meros ritualismos vazios. O obedecer é melhor do que sacrificar (1Sm. 15.22).

- Deus não estava preocupado com os holocaustos com bezerros de um ano, com os milhares de carneiros ou com os dez mil ribeiros de azeite que eram utilizados no templo de Jerusalém (e nos altos de Judá), mas se havia tesouros de impiedade na casa do ímpio, se havia balanças falsas nos estabelecimentos comerciais dos ímpios, se havia verdade na língua de cada judaíta, se havia violência no proceder dos ricos (Mq. 6.9-12).

- Em Is. 1.12, Deus chega a questionar a razão de o Seu povo ir ao templo, como que dizendo que eles estavam indo ao templo à toa, pois não iam realmente para cultuar. Será que muitos de

nós também não têm ido à igreja à toa? Será que Deus também não está nos dizendo que é melhor que não pisemos o Seu templo?

- A referência ao primogênito e ao fruto do ventre sugere que haveria em Israel quem oferecesse sacrifícios humanos. A lei de Moisés condenava tal prática sob pena de morte (Lv. 18.21; 20.2-5), havendo repulsa em Israel quanto a essa prática (2Rs. 3.27). Portanto, só mesmo aqueles que haviam apostatado veementemente da fé poderiam estar praticando tais rituais (2Rs. 16.3; 21.6; Jr. 19.5; 32.35). Eles estavam dispostos a oferecer até mesmo o que Deus nunca exigiu deles (e até lhes vedou expressamente), mas não ofereciam o essencial: sincero arrependimento e mudança de vida.

8 Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?

- Miqueias oferece uma tríplice definição do modelo divino concernente à nossa fidelidade a Deus: 1) agir com justiça, sendo imparciais e honestos em nosso trato com o próximo (cf. Mt. 7.12); 2) amar a misericórdia, demonstrando compaixão e misericórdia genuínas aos necessitados; 3) andar com o nosso Deus, humilhando-nos diante dEle todos os dias, com piedoso temor e reverência à sua vontade (cf. Tg. 4.6-10; 1Pe. 5.5-6).

- Estes três preceitos são considerados pela tradição judaica, desde o século I a.C., como o resumo dos 613 preceitos depreendidos da lei de Moisés. Os dois primeiros falam do compromisso horizontal (com o nosso próximo); e o terceiro, do compromisso vertical (com Deus). É paralelo ao ensino de Jesus: amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos (Mt. 22.37-40).

- A adoração pública é apenas uma mínima parte de nossa dedicação total a Cristo. O amor genuíno ao Senhor deve manifestar-se em solicitude incessante pelos necessitados.

Referências bibliográficas:

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Editora CPAD, 2003.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- DEMCHUK, David. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 2. Editora CPAD, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Miqueias – a importância da obediência**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- GILL, Deborah Menken. **Comentário bíblico pentecostal: novo testamento**, v. 2. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- NANTES, Ailton. **Miqueias – a importância da obediência**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês.** Editora Vida Nova.
- SOARES, Esequias. **Lições bíblicas: os doze profetas menores – advertências e consolações para a santificação da Igreja de Cristo.** Editora CPAD, 2012.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Editora CPAD, 2005.